

NAS TRILHAS DA MEMÓRIA: Identidade e História Indígena no Planalto da Conquista (Século XX)

Renata Ferreira de Oliveira¹

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo confrontar as narrativas sobre a colonização do Planalto da Conquista, a partir dos escritos de cronistas e relatos de jornais do século XX, aos quais se podem contrapor às memórias produzidas pelos indígenas da Batalha, materializada nas suas próprias formas de contar outra versão dessa história. A reconstrução do passado histórico da Batalha remete a memória do grupo para as origens de Vitória da Conquista e nessa possível reconstituição aparecem os principais personagens que marcaram esse processo, o ambiente, os mitos e as mudanças. Dessa forma, esses elementos passam a existir diretamente conexos com a história de vida dos descendentes indígenas.

Palavras-chave: Batalha, Identidade, Índios.

Era noite quando os sertanistas, João Gonçalves da Costa e José da Silva Guimarães, acompanhados dos seus cinquenta soldados decidiu seguir os índios Mongoyó rumo ao Oeste para alcançar a Serra da Santa Inês, onde por milagre ou acaso, foi-lhe revelado o itinerário indígena. Assim, seguiram o trajeto com archotes feitos de raízes resinosas até um lugar que haveria de se chamar Batalha, pela luta que aí se travou entre índios e soldados.¹

Às quatro horas da manhã, os sertanistas alcançaram os nativos ferindo-lhes guerra renhida. Não obstante os seus companheiros, inferiores em número à “grande horda de bárbaros”, abrandaram e chegaram a pensar em ceder a vitória aos índios, pois “as armas de fogo não suportavam mais o carregá-las que não explodissem”.²

Em meio à amargura da iminente derrota, “o mestre de campo animando os seus companheiros, prometeu a Nossa Senhora das Vitórias elevar no lugar do triunfo, se vencesse, uma capela com aquela invocação”.² Iluminados pela Santa, os homens lutaram corpo a corpo e, “manejaando com denodo e vantagem o facão, conseguem no fim de algumas horas, esplêndida vitória no lugar da própria aldeia.” Dessa forma, nasceu o Arraial da Conquista que, nas palavras do cronista apesar de ter uma história tão edificante, “apenas a tradição a reproduziu.”³

No entanto, as constantes batalhas não foram suficientes para impor a derrota definitiva aos indígenas. Os Mongoyó reagiram constantemente, mesmo após o domínio do sertanista sobre suas aldeias. Foi assim, que sabendo o capitão-mor, João Gonçalves, dos ataques nativos, cercou-os e os agrediu de sobressalto, quebrando seus arcos e aprisionando-os novamente. Mas, o gentio não aldeado, “ofendia” aos conquistadores e seus familiares, quando estes saíam para as fontes de água ou circulavam pela recém aberta estrada que ligaria

a região a Minas Gerais.⁴

Por essa razão, os desaparecimentos de “civis” eram constantes. Um soldado que havia sido levado para o mato por um Mongoyó, a uma distância que a este teria sido possível dar cabo dele, foi forte o bastante para matar o índio com uma facada e, de volta ao arraial, revelou essa “perfidia” conduta dos Camacã ao seu capitão.⁵ Este, depois de ordenar a seus homens que tivessem suas armas em punho, teria convidado todos os “selvagens” para um banquete. Durante o festim, os índios não estranharam a trégua com os sertanistas, por causa das alianças feitas. No entanto, o capitão-mor e seus soldados forjaram um encontro traiçoeiro. Embriagaram os índios enquanto seus homens cortaram as cordas dos arcos.⁶

Esses fatos difundiram-se pelo arraial por meio da oralidade, como foi dito por um certo preto velho centenário, que se chamava Francisco José Maria da Ponte, o popular tio Nagô que nasceu escravo de João Gonçalves. Ele contava nas rodas de histórias que, quando menino, estava presente na época das lutas de “seu sinhô” com os índios e que ele botou mesmo veneno na cachaça que os nativos beberam, morrendo quase todos envenenados.⁷

Os outros, embriagados, os brancos degolaram, mas muitos resistiram, refugiando-se nas matas ou no aldeamento do Cachimbo, à beira do Rio Pardo. Assim, o nascente e promissor arraial encontrou a paz a partir da morte dos indígenas, para florescer. O banquete da morte é considerado o marco para a conquista definitiva do Planalto da Conquista sobre os indígenas, e em 1806 os Mongoyó “fizeram as pazes” repartindo-se em sete aldeias ao longo do Rio Pardo.⁸

Essa história narrada acima foi difundida pela oralidade por várias gerações, sendo tecidas diversas narrativas sobre a colonização do Sertão da Ressaca. O mito que fundamentou a gênese da cidade de Vitória da Conquista é alentado ainda hoje pelo imaginário popular. A memória coletiva local refere-se, sobretudo, ao marco que é a batalha final entre Mongoyós e colonos, onde o “feito histórico” do “bravo” João Gonçalves, é reforçado pela interseção de Nossa Senhora das Vitórias.

O sertanista é o principal personagem da construção mitológica nas narrativas dominantes acerca da fundação da cidade de Vitória da Conquista. Teria ele, com oitenta anos de idade, derrotado mais de 300 Mongoyó com apenas 50 soldados e a ajuda de Nossa Senhora das Vitórias. Posteriormente à aludida guerra, ele teria se transformado no herói que povoa o imaginário coletivo ainda hoje. A toponímia resultante desses eventos míticos está presente desde o redundante nome da cidade, às regiões de Batalha, Panelas. Sucesso e Porcos.⁹

A alegada intrepidez dos sertanistas, manifestada, sobretudo, nas guerras contra os indígenas ao longo dos séculos XVIII e XIX, configura-se, em vários discursos, como componente simbólico necessário para o desenvolvimento de uma civilização cujo mito de criação é sustentado na derrota imposta aos povos nativos.

É importante aliar às atividades de conquistas dos gentios nos sertões, a busca incessante por metais preciosos, e tal como ocorreu no Sertão da Ressaca, a implantação de fazendas de gado que propiciou o controle sobre as terras retiradas dos índios, assentando assim, nessas áreas latifundiárias, os alicerces para o que veio a ser a construção de um efetivo poder, em áreas extensas daqueles sertões, aos conquistadores e à sua descendência.

Para justificar esse poder e a posse das terras sertanejas da Ressaca, bem como os violentos combates contra os índios, forjou-se memórias em torno dos sertanistas, João da Silva Guimarães e João Gonçalves da Costa, memórias estas que, por vezes, misturam-se aos mitos transmitidos pela oralidade e terminam por compor as páginas da história oficial da Cidade de Vitória da Conquista, cujos autores, cronistas, editores de jornais e poetas, utilizaram documentos da época e fatos míticos como base em suas interpretações, esforçando-se para bem construir e manter viva a boa imagem dos fundadores da localidade.

Quando João da Silva Guimarães retornou a Minas Novas, nomeou como diretor dos indígenas do Sertão da Ressaca, o Capitão-mor João Gonçalves da Costa que, em 1744, subiu o Rio Pardo em canoas semelhantes às dos nativos adentrou a região para se fazer senhor e prosseguir no intento de seu Mestre de Campo, em “limpar a bugrada dos campos da conquista.”¹⁰

É notório na documentação dos fins do século XVIII e início do XIX, que se referem ao sertanista (João Gonçalves) que seus feitos considerados heroicos lhe renderam admiração por parte das autoridades governamentais, pois o próprio Conde da Ponte, em ofício ao Visconde de Anadia no ano de 1807 derramou sobre a figura do sertanista bondosos elogios: não produz hum século hum homem com o gênio deste Capitão-mór, tem 80 e tantos anos e todas as suas paixões tendem a estas aberturas e descobertas, em que tem gasto o que é seu, e arrisca frequentemente a própria vida.¹¹

O sertanista juntamente com seus filhos Antônio Dias de Miranda e Raimundo Gonçalves da Costa, foram os responsáveis pela conquista imposta aos índios do Sertão da Ressaca. O próprio capitão-mor se reconhece enquanto pessoa capaz de realizar as entradas nas aldeias indígenas da região. Na sua carta ao ouvidor de Ilhéus Francisco Nunes da Costa, ele conta minuciosamente as investidas nas povoações Mongoyó, suas conquistas e derrotas E

na sua Memória Sumária e Compendiosa da conquista do Rio Pardo, ele relata que ao avistar as povoações dos botocudos, pulava-lhe o coração com desejo de os conquistarem.¹²

A visão construída sobre o fundador de Vitória da Conquista, podemos afirmar que é bastante positiva. Já em 1817, quando o Príncipe Maximiliano passou pelo Arraial da Conquista, antes mesmo de conhecer pessoalmente João Gonçalves, o naturalista ouvira histórias sobre os atos de heroísmo do sertanista. Essas narrativas já circulavam com certa amplitude e foram, por sua vez, eternizadas na descrição da sua viagem à região. Os relatos do Príncipe terminaram por constituir-se no suporte da produção historiográfica posterior.¹³

Essa imagem positiva sobre João Gonçalves ficou eternizadas nas memórias sendo refletidas na imprensa mais de um século depois. Foi assim que O jornal *O Combate do ano de 1935* publicou um sobre ele dizendo:

Ninguém foi mais audaz nem mais feliz do que João Gonçalves da Costa, o português que limpou a bugrada dos campos de Conquista e, com esse nome comemorativo das suas façanhas “criou no centro da Bahia o grande núcleo pastoril. Augusto de Saint Hilaire conheceu-o, quase centenário. O príncipe Maximiliano de Wiede-Neuwied fallu enternecidamente delle. Um espantoso sujeito aquelle João Gonçalves da Costa!”. As onças e os índios eram os donos do país. Homens mais bravios que feras; estas tão numerosas quanto elles. A tradição registra que o bom moço matou mais de cem jaguares nas imediações da capella a volta da qual cresceu Nossa Senhora das Vitórias de Conquista. Mais de cem a sua clavina derrubou.¹⁴

O papel da imprensa na difusão da história da cidade visa atender a um público integrado ao movimento político do período. O fato dos jornais serem dirigidos por intelectuais e líderes partidários leva a crer que o valor da memória dos políticos do passado respalda a política presente por meio do controle do poder local exercido pelas famílias que reivindicam a ascendência em João Gonçalves. Por essa razão, é fácil encontrar em diversos jornais elogios intensos ao sertanista.

Vejamos o que noticiou o jornal a Notícia no dia 30 junho de 1923, em plena disputa política na cidade.

Esta terra é de João Gonçalves porque foi este fidalgo português quem, correndo mil riscos, a conquista dos índios, há cento e tantos anos. Pois bem, os descendentes desse bravo português, constituindo hoje uma poderosa e numerosíssima família, estão a pelejar com denodo para reconquistar o lugar de seu avô, agora desgraçadamente por artes e berliques e berloques, dominada não por selvagens, como antanho, mas por políticos ambiciosos que não trepidam diante de atos, os mais injustos para a consecução dos seus planos interesseiros.

João Gonçalves derramou seu sangue em luta renhida com os selvícolas afim deixar, como deixou, a sua descendência. Uma gleba fertilíssima num lugar onde ela pudesse criar sua prole com tranquilidade. E hoje, os seus filhos,

que em nada o desmerecem batalham para livrar um povo das garras de um partidarismo asfíxiante.”¹⁵

Em outro jornal já citado, o *Combate*, no artigo intitulado: *em memória de João Gonçalves*, escrito por um dos personagens mais conhecidos do período, o professor Euclides Dantas, narra a história dos tempos da conquista, segundo ele,

E João Gonçalves com sua bandeira gloriosa invade as terras ignoradas. O selvagem acordou. Há mais de trezentos anos que dormia, indiferente, feliz. Acordou e lutou. A luta feroz do nativo contra o homem civilizado. E a civilização venceu. João Gonçalves empunhava o estandarte da fé. Bom católico, o intrépido bandeirante ansiava a vitória para semear a crença que trazia abundante por estas terras pagans. E foi aqui nessa praça, que se realizou o combate decisivo. No ponto terminal da luta ergueu-se o templo consagrado à Virgem Nossa Senhora da Vitória. E desde então João Gonçalves começou a amar muito Conquista, a terra onde se conquista e onde se está a verdadeira Pátria. E o conquistador, generoso, nobre e altivo assenhoreou-se das terras que de pleno direito lhe pertenceram.[...] João Gonçalves porém, amando tanto a gente do futuro quanto àqueles que o cercavam, concedeu isenção de qualquer ônus territorial aos seus herdeiros, filhos de Conquista, até a quarta geração.¹⁶

Assim ficou evidenciado que os atos dos tempos da conquista são dignos da nobreza do capitão-mor, justificados no amor que devotou à terra de Conquista e ao seu futuro.

Sobre o indígena, a memória construída por esses veículos é oposta, negativamente. Os textos publicados nos jornais partem de uma construção binária: que é: justificativa da conquista por meio da necessidade de civilizar o lugar; e a morte do indígena que rejeita e impede essa civilização. É diante desse contexto que é ressaltada a inferiorização do índio desde sua aparência física, como também, sua organização social.

O jornal o combate traz essa construção em um texto já citado. Vejamos:

João Gonçalves reuniu alguns amigos. E pusera-se a topar os caboclos. Um tapuya já ruim, Mongoyós. Gentio secularmente indomável. De fibra inflexível, de pé veloz, de catadura má, senhores, qui'ora de todo o interior da província [...] errantes, sem acampamentos e sem lavouras, como um bando de inimigos perversos, de tacapes ao hombro e envernizados de resinas vegetaes, pelos desertos ainda inviolados. Acabou devagar com Maracás e Mongoyós. Trucidou-os todos. Numa batalha definitiva cincoenta portugueses deram fim a trezentos bárbaros. O lugar inda hoje se chama Batalha. Foi em 1800 que isso aconteceu.¹⁷

É mesmo uma imagem oposta mesmo diante de um indígena que é entendido como personagem do passado. Mas essa representação negativa do índio é reforçada pela

necessidade de fazer valer o discurso civilizatório do bem, opondo-se à barbaridade nativa.

Entre os indígenas que habitaram o sertão da ressaca, os pataxó são os que mais aparecerem nos noticiários, mesmo depois dos deslocamentos deles dos aldeamentos do Rio Pardo para o Posto Indígena no sul da Bahia. Quando em 1933 um grupo de pataxó entra em terras da cidade de Conquista, os jornais noticiam o fato com alarde, pois a “civilização supostamente estava ameaçada.”¹⁸

O jornal Avante de 03 de junho de 1933 noticia que os Pataxós saíam do interior das matas para cometerem “mil tropelias e praticarem cenas horrorosas.”¹⁹ Diz o jornal:

De dias em dias, ecoa aos nossos ouvidos mais uma depredação ou mais um bárbaro assassinio, levados a efeito por estes selvícolas ás margens do Rio Mangerona no município de Encruzilhada e do nosso município. Um grupo de índios semidomesticados, reunindo-se aos seus irmãos bravios, praticando nessa zona toda sorte de horrores. O pobre fazendeiro de nome Hermínio Santos, no terreiro de sua residência viu cair o seu filhinho de nove anos varado por um facão de lado a lado, enquanto o índio gargalhando com a arma criminosa em punho, internava-se na mata próxima. No dia 15 de abril na mesma localidade, a vítima foi o senhor Tertuliano Porto, que teve a sua residência assaltada, onde os selvagens, cometeram toda sorte de horrores, depois de assassinares a sua mulher com cinco terríveis flexadas; uma criança de onze meses, morta por duas flexadas e uma outra de onze anos que morreu com vários ferimentos. A fazenda <Alegria> do senhor Agnelo Rocha, na mesma ocasião foi vítima da sanha dos mesmos que aí cometeram mil depredações, e de onde levaram vários instrumentos de lavoura, roupas, utensílios de uso doméstico, e até uma velha sanfona; Os fazendeiros na sua maioria, estão abandonando as suas propriedades agrícolas, fugindo á sanha dos desnaturados. Calcula-se em mais de cem o número de selvagens e os bravios, aos quais os foragidos se incorporaram. Os fazendeiros da zona perigosa, sem recurso para defesa, desarmado que foi todo o sertão, estão abandonando as suas propriedades agrícolas, enquanto os índios aumentam o seu domínio de terror.

É interessante perceber que a notícia veiculada no jornal não menciona nenhum tipo de causa que teria levado os índios a praticarem os ataques na região. Toma-os por bárbaros e essa condição explicaria os ataques. Mas, as pesquisas apontam a forte pressão vivenciada pelos índios por causa da ocupação de suas terras por fazendeiros, principalmente devido à expansão da cacauicultura e da pecuária na região.²¹

Desde a criação do Posto Indígena Paraguassu em 1924, os conflitos pelas terras da região agudizaram-se. Quando da demarcação das terras da reserva do Posto Indígena, grupos de fazendeiros se mobilizaram na tentativa de impedi-la, alegando que essas

terras eram devolutas e deveriam ser destinadas ao cultivo do cacau e à criação de gado.²²

Mas, para o jornal, os fazendeiros, portadores do ideário do progresso e da civilização, agora eram vítimas da “barbárie” indígena. Por esse motivo, foram a causa primeira do apelo feito pela imprensa. Foi em nome deles que o jornal clamou ao Governo do Estado por uma solução para a situação violenta da região.

O fato descrito no jornal foi mencionado por vários anos dentro da história da cidade de Vitória da Conquista e, na década de 1980, o cronista Aníbal Lopes Viana, na sua Revista Histórica retoma o episódio para falar da selvageria dos índios Pataxós que impediam o avanço da região, pois atacavam corriqueiramente a estrada que dá acesso às matas do sul da Bahia.

Contra-pondo-se às narrativas observadas até então, a memória produzida pelos indígenas da Batalha, materializa-se em suas próprias formas de contar outra versão dessa história. Ao contrário dos cronistas e dos jornais, essa memória, não menos política do que aquela sobre os conquistadores, reinterpreta e reconstrói o seu passado histórico fazendo uso também de fatos míticos.

No campo da construção das lembranças do passado, o povo da Batalha reproduz uma memória social. Nesta, existe a difusão coletiva de imagens de um passado que se contrapõe à memória oficial edificada para a cidade de Vitória da Conquista. Na reconstrução do passado indígena, a reminiscência da Batalha emerge veiculada a uma política subalterna, subterrânea que têm como ponto marcante a descendência dos índios da região.²³

Os registros memoriais giram em torno do processo vivido pelos antepassados relacionado às disputas em torno da posse da terra da Batalha. A formação dessa memória só se fez possível em razão da preservação da coletividade indígena após a derrota imposta por João Gonçalves da Costa, seja a partir do retorno para o local onde viveram os antepassados, seja migrando para o ambiente urbano da Imperial Vila da Vitória, seja nos aldeamentos, mantendo, dessa forma, a comunidade tão necessária à produção da cultura e da memória.

Assim, a descendência indígena da Batalha, apontada por seus atuais moradores, se identifica com os índios sobreviventes ao “massacre” feito por João Gonçalves da Costa, onde, alguns foram capturados e “amansados”, outros se refugiaram na localidade conhecida por casa dos índios, na serra da Santa Inês ou mesmo aldeados ao longo do Rio Pardo. A Batalha, como é ainda conhecida atualmente, se localiza a oito quilômetros da Cidade de Vitória da Conquista, no distrito rural de José Gonçalves. A reconstrução do passado histórico

dessa região remete a memória do grupo para as origens da cidade e nessa possível reconstituição aparecem os principais personagens que marcaram esse processo, o ambiente, os mitos e as mudanças.

Na Batalha, depois de reconstruída a comunidade, a lembrança dos tempos da guerra da conquista permanecia viva e representada pela serra da Santa Inês e pelo cemitério construído no lugar da luta como narra o senhor Jesulino.

o batalhão dos índios era aí, onde tem o cemitério. Já chama Batalha porque era dos índios. Os mais velho falava que nós vem da nação dos índio da Santa Inês, que por sinal era índia e minha vó. Essa descendência de hoje toda aí é índia. Meus pai nasceu e morreu aqui, por isso que nós somo é dessa nação, dos índio da Batalha.²⁴

A memória também versa sobre a resistência indígena, como conta seu Adelino, “esse povo da Batalha hoje tudo é descendente dos índio que resistiu, porque os que não morreu, que resistiu, não tinha mais como brigar, ficou naquilo só, que num rendeu mais.”²⁵ Ao analisarmos os relatos, encontramos diversos personagens que compunham o cenário histórico da região, conforme conta nosso depoente: “então, essa região primeiro foi prá s mão de João Gonçalves, depois foi dividindo, foi dividindo, o povo de lá era muito medroso, naquela época falava: é o coronel fulano de tal que tá mandando lá, chegava e comprava baratinho”.²⁶

Conforme foi dito, os conflitos originários durante o processo de colonização do Sertão da Ressaca, identificados como desestruturadores das comunidades indígenas marcam a lembrança de nossos narradores. A toponímia ressaltada nos depoimentos do Sr. Adelino, Sr. Miguel e Sr. Jês, evidencia esse passado. Nas palavras de seu Miguel

A Batalha já chama assim por causa da guerra que foi lá. Lá, eles venceram uma parte da tribo. A outra venceu aqui onde é a Igreja Nossa Senhora das Vitórias. Aqui, essa região toda é Batalha. A Batalha foi aqui. Eles batalhou aqui e Conquista ficou com a vitória. Por isso desses nome. Lá, Vitória. E aqui, Batalha.²⁷

Um outro aspecto identificado nos depoimentos e que versa sobre a identidade indígena é a ascendência em índios tidos por legítimos. Seu Adelino, por exemplo, afirma a sua identidade a partir dos seus parentes mais idosos, quando nos diz que: “A minha vó, a finada Vitória, morreu com 125 anos. Era cabocla velha.”²⁸ Essa afirmativa é reforçada quando ele realça que,

Ali na Batalha, por sinal a minha bisavó foi pegada lá e levada para Conquista. A minha mãe dizia que o finado Chicão foi quem criou ela, por causa da comida. Por causa o sal que não podia dar. O cabelo era assim, pretinho. Minha mãe era cabocla mesmo, nariz chato, cabelo preto e liso. Cê olha assim e diz: “não tem para onde correr, essa é cabocla!” Parecia aquelas índia mesmo lá do mato. É uma cabocla legítima.²⁹

Para finalizar, quero compartilhar um depoimento em que a noção de resistência é ressaltada tanto no aspecto pessoal como grupal o Sr. Fernando conhecido como Caçula é que vai narrá-lo, mas antes, gostaria de salientar que história de vida dele é marcada pelos descimentos dos índios para o Posto Indígena, quando sua mãe, que “desce” com seus parentes não retornando jamais. A partir de então, ele foi criado pela avó na Batalha, como o próprio nos descreve: “eu fui criado por minha avó, que chamava Ana, a única mãe que eu conheci. Minha mãe foi embora lá prá Colônia, no sul para Gravatá, nessas terras que só tem índio e me deixou aqui na idade de seis mês.”³⁰

Chegando à idade adulta, seu Caçula é obrigado a migrar constantemente para o sul da Bahia em busca de trabalho. Nesse período, ele conhece o posto indígena onde vivera sua mãe.

As coisa aqui eram muito difíceis. Tinha que sair por esse mundão viajando. Eu fui muito. Olha desde pequeno assim, rapaz, eu ia daqui trabalhar perto do Posto dos Índio, lá em Colônia, chamado Itaju, né? Lá, dos trabalhadores só eu entrava, porque branco num entrava, nera [...] então eu cansei de beber água no Postso dos Índios e de tomar pinga mais eles. Eles me conhecia pelo cheiro do sangue, que tudo é irmão, né? Cê sabe que caboclo, tudo é irmão, né? eu vi muito caboclo nosso. E eles deixavam eu entrar que conhecia a gente pelo cheiro, cheirava a gente de longe e sabia que a gente era também.³¹

O suposto desaparecimento das etnias indígenas do Planalto da Conquista não significou a perda da história desses povos. Sua ressignificação vem sendo revelada pelos estudos acerca das comunidades tradicionais localizadas nessa região. As observações realizadas permitem a quebra do paradigma de que nesse território não há reminiscências de um passado indígena, mas provam que estas são inseridas no conjunto da sociedade atual, preservadas por seus descendentes ao longo do tempo, sobretudo na composição social das comunidades do meio rural.

À luz dessas novas questões, é possível pensar o grupo que compõe a Batalha como resultado de um processo adaptativo que possibilitou sua continuidade na história a partir da afirmação que se contrapõem diretamente à noção de que os povos indígenas do Sertão da Ressaca foram dizimados. A composição social da Batalha, no que tange à

identidade indígena, é sustentada pela noção de resistência dos índios que se refugiaram na Serra de Santa Inês, ou que gradativamente foram “amansados” e inseridos no convívio do “civilizado”.

Essas narrativas denotam, também, a transição dos indígenas entre os territórios, e ainda aponta uma tomada de decisão: a de ficar na terra de origem, a ir para o Posto dos Índios e manter-se enquanto índio aldeado. A escolha, aqui assinalada, pode ser interpretada, além disso, como uma forma de manifestação da ação política coletiva, uma vez que houve a continuidade de uma etnicidade ligada à identidade indígena, responsável pela reconstrução da comunidade.

Assim, auferimos que as experiências no campo da resistência, observadas na trajetória da Batalha foram adquiridas, também, a partir da interpretação dos fatos históricos que ajudaram na reconstrução de seu passado. Houve a reelaboração dos episódios e mitos abordados na historiografia conquistense. Cada componente nascido a partir das narrativas fundamenta-se enquanto rememoração de uma história entrelaçada entre colonizadores e índios e, posteriormente, entre fazendeiros e descendentes indígenas resistentes.

1 Renata Ferreira de Oliveira. Mestranda em História Social pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Bahia. Bolsista CAPES. renataconquista@yahoo.com.br

1 Essa é a versão histórica da vitória de João Gonçalves da Costa imposta aos índios Mongoyós, dada por Tranquilino Torres, no artigo: *O Município da Vitória*. Publicado inicialmente no ano de 1897 pelo Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e republicado, no ano de 1996, por meio da Revista *Memória Conquistense* do Museu Regional da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. p. 44

2 Idem. Ibidem.

2 Idem. Ibidem. p. 44

3 Idem. p. 43

4 VIANA, Aníbal Lopes. *Revista Histórica de Conquista*. Vitória da Conquista. Brasil Artes Gráficas, v1, 1982, p. 15

5 Idem.

6 Ver, WIED, NIWIED, Príncipe Maximiliano. *Viagem ao Brasil*. Rio/São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1940. p. 428-429

7 VIANA, Aníbal Lopes, op.cit. p.15

8 Sobre esse aspecto ver: MEDEIROS, Rui Hermann de A. *O Município da Vitória: notas críticas*. Vitória da Conquista, 1996. WIED, NIWIED, Príncipe Maximiliano de. op. cit. PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. *O Silêncio na História: Povos Indígenas à margem da História e o caso de Vitória da Conquista*. Museu Regional 2000. VIANA, Aníbal Lopes, op.cit.

9 Dessas regiões, somente a Batalha mantém atualmente o mesmo nome. Porcos e Panelas se tornaram o distrito de Iguá e Sucesso, hoje pertence a uma região rural próxima ao distrito de Inhobim. Ver: MEDEIROS, Rui Hermann de A. *O Município da Vitória: notas críticas*. Vitória da Conquista, 1996.

10 VIANA, Aníbal Lopes. op. cit p. 13

11 Ofício do Governador Conde da Ponte para o Visconde de Anadia, sobre a exploração das margens do Rio Pardo, pelo Capitão-mor João Gonçalves da Costa. Bahia, 31 de Maio de 1807. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Vol. 37, 1915, p. 455.

-
- 12 Ver: Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol 37, p. 455-459
- 13 Fatos como o banquete da morte foram escritos primeiramente pelo Príncipe Maximiliano. Ver WIED, NEWVIED, Príncipe Maximiliano, op. cit. p.410 e 428
- 14 DANTAS, Euclides. *Em memória de João Gonçalves*. In. *Jornal O Combate*. Conquista, Domingo, 02 de junho de 1935
- 15 *Jornal A Notícia*. A terra de João Gonçalves. Conquista, 1921.
- 16 DANTAS, Euclides, *Jornal O Combate*. op. cit.
- 17 Idem.
- 18 *Jornal Avante* Ano III. Semanário Noticioso – Conquista, Baia, 03 de junho de 1933. p.03
- 19 Idem. Ibidem
- 21 Ver: Lins, Marcelo da Silva. *Os Vermelhos na Terra do Cacau: a presença comunista no sul da Bahia*. (1935-1936) Dissertação de Mestrado, UFBA, 2007
- 22 Idem, p. 192
- 23 Essa concepção pode ser averiguada em: POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 3-15, 1989.
- 24 Oliveira, Jesulino Rodrigues. Depoimento colhido por Renata Ferreira de Oliveira durante o ano de 2009.
- 25 Oliveira, Adelino Rodrigues. Depoimento colhido por Renata Ferreira de Oliveira durante o ano de 2009.
- 26 Idem.
- 27 Oliveira, Miguel Gonçalves. Depoimento colhido por Renata Ferreira de Oliveira durante o ano de 2009.
- 28 Oliveira, Adelino Rodrigues, op. cit.
- 29 Idem.
- 30 Oliveira, Fernando Gonçalves de. Depoimento colhido por Renata Ferreira de Oliveira durante o ano de 2009.
- 31 Idem